

Banco ABC Brasil | Relações com Investidores
Transcrição da divulgação de resultados do 1T17
05 de maio de 2017

[Sérgio Borejo – Vice Presidente Executivo]

Boa tarde a todos e obrigado por participarem de nossa teleconferência de resultados do primeiro trimestre de 2017.

No slide 2 os principais destaques:

O Lucro Líquido recorrente foi de 111 milhões de reais no primeiro trimestre de 2017, apresentando crescimento de 2,4% em relação ao trimestre passado e de 16,3% em relação ao primeiro trimestre de 2016.

Em março de 2017, o Banco recomprou 201 milhões de dólares das Notas Subordinadas emitidas no exterior, encerrando o trimestre com saldo de 143 milhões de dólares. A operação causou um impacto de 14 milhões de reais depois dos impostos, resultando em um Lucro Líquido Contábil de 97 milhões no trimestre.

O Retorno anualizado recorrente sobre o Patrimônio Líquido foi de 15,1% no trimestre.

A Carteira de Crédito Expandida encerrou março de 2017 com saldo de 23 bilhões de reais, apresentando crescimento de 1% no trimestre e de 7,2% em 12 meses.

A qualidade da carteira continua elevada, com 94,2% das operações de empréstimos e 98,9% das operações de garantias prestadas classificadas entre AA e C, de acordo com a Resolução 2.682 do Banco Central. Considerando as duas carteiras, o percentual é de 96,4%.

No slide 3 apresentamos a evolução da carteira de crédito:

Considerando a carteira de crédito expandida, apresentamos um crescimento de 1,0% no trimestre e de 7,2% em 12 meses.

No segmento Large Corporate, a carteira expandida cresceu 0,2% no trimestre e 6,5% em 12 meses.

No segmento Corporate, a carteira expandida cresceu 6,3% no trimestre e 11,4% em 12 meses.

No slide 4 alguns destaques de cada segmento.

No segmento Large Corporate, terminamos março com 724 clientes, dos quais 525 possuíam exposição de crédito, resultando numa exposição média de 34 milhões de reais por cliente. A carteira Large Corporate terminou o trimestre com um prazo médio de 338 dias.

No segmento Corporate, encerramos março com 1.107 clientes. Desses clientes, 906 possuíam exposição de crédito, o que resultou numa exposição média de 3,7 milhões de reais por cliente. A carteira Corporate terminou o trimestre com prazo médio de 287 dias.

Apresentamos também no slide a distribuição geográfica das carteiras, sem variações significativas.

No primeiro gráfico, as operações com atraso acima de 90 dias.

Nesse trimestre, o índice de atrasos se manteve estável em relação ao trimestre passado, representando 0,7% da carteira de crédito.

No segundo gráfico, o saldo de PDD.

Encerramos março de 2017 com um saldo de PDD de 3,9% da carteira de empréstimos, um aumento de 0,2 ponto percentual em relação ao trimestre anterior.

No terceiro gráfico a evolução dos empréstimos de rating D e E-H.

Os empréstimos classificados em D aumentaram para 1,7% da carteira, e o saldo entre E e H diminuiu para 4%.

No slide 6, a evolução de nossa captação.

O gráfico apresenta a abertura da Captação por perfil de investidor. O banco permanece com uma carteira diversificada, com acesso aos mercados local e externo em condições competitivas e com prazos confortáveis em relação ao perfil de seus ativos.

Em março de 2017 o saldo da captação totalizou 20,7 bilhões de reais, apresentando redução de 0,9% no trimestre e aumento de 20,4% em 12 meses, com destaque para a captação local, que passou a representar 61% do total.

Essa redução de 20,9 para 20,7 bilhões de reais no primeiro trimestre de 2017 é explicada pela recompra de parte da nossa dívida subordinada que vence em 2020, no montante de 201 milhões de dólares, aproximadamente 740 milhões de reais. O saldo dessa dívida reduziu de 6% em dezembro para 2% em março, conforme pode ser observado no gráfico.

A liquidez permanece elevada e com precificação adequada. O nosso caixa em 31 de março era de aproximadamente 8 bilhões de reais, bem acima do mínimo exigido pelos nossos modelos internos de gestão de risco. O funding de qualidade continua sendo um dos pilares do nosso negócio.

Não há descasamentos entre ativos e passivos, com o gap de liquidez permanecendo positivo em todos os períodos futuros.

No slide 7 a evolução de nosso Patrimônio Líquido e do Índice de Basileia.

Terminamos março de 2017 com patrimônio de referência de 3,3 bilhões de reais, e patrimônio líquido de 3 bilhões de reais.

Encerramos o primeiro trimestre com Índice de Basileia em 15,6%, uma redução de 2,2 pontos percentuais em relação ao trimestre anterior.

Essa redução de capital ocorreu por causa da recompra parcial das notas subordinadas emitidas sob Basileia 2, no valor de 201 milhões de dólares. Com a recompra, foram cancelados 486 milhões de reais dessa dívida que compunha o Capital de Nível 2 e o Patrimônio de Referência do Banco. Essa dívida representava 2,5% do Índice de Basileia no trimestre passado.

Ressaltamos que, a partir de agora, todo o capital de nível 2 do banco está de acordo com as exigências de Basileia 3.

Ao final de março, os 15,6% de índice de Basileia estavam divididos em 14,3% de capital de nível 1 e 1,3% de capital de nível 2.

No slide 8, apresentamos a evolução da margem financeira.

A margem financeira gerencial atingiu 266 milhões de reais no primeiro trimestre de 2017, apresentando queda de 6,2% em relação ao trimestre anterior e aumento de 17,6% em relação ao mesmo período de 2016.

O Patrimônio Líquido Remunerado a CDI se manteve praticamente estável em relação ao trimestre anterior, embora seja esperado que essa receita comece a diminuir nos próximos trimestres, refletindo a redução da taxa SELIC.

A margem financeira com clientes apresentou redução de 7% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 2,3% em relação ao mesmo período de 2016. Essa queda de 7% em relação ao trimestre anterior é explicada por uma recuperação maior de ativos que tivemos no trimestre passado, de aproximadamente 8 milhões de reais, e pela menor quantidade de dias úteis neste primeiro trimestre de 2017. Excluindo esses efeitos, a variação em relação ao trimestre anterior teria sido praticamente nula.

A margem financeira com o mercado apresentou redução de 11,6% em relação ao trimestre anterior e crescimento de 120% em relação ao mesmo período do ano passado.

A despesa de PDD foi de 58 milhões de reais, um aumento de 4,7% em relação ao trimestre passado. Esse aumento é consequência de um ambiente macroeconômico desafiador pelo qual a economia brasileira ainda está passando.

A taxa anualizada da margem financeira gerencial (NIM) ficou em 4,2% a.a. no primeiro trimestre de 2017, apresentando redução de 0,5 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e aumento de 0,2 ponto percentual em relação ao mesmo período de 2016. Essa redução no trimestre é explicada, em parte, pela redução na margem financeira gerencial, e em parte pelo crescimento do caixa no período, de aproximadamente 7 bilhões no quarto trimestre de 2016 para 8 bilhões no primeiro trimestre de 2017.

No slide 9, As receitas de prestação de serviços atingiram 76 milhões de reais no primeiro trimestre, apresentando aumento de 9,8% em relação ao trimestre anterior e de 36% em relação ao mesmo período de 2016.

A receita com garantias prestadas apresentou crescimento de 1,7% em relação trimestre anterior e de 19,1% em relação ao mesmo período do ano passado.

O grande destaque desse trimestre são os fees de mercado de capitais e M&A, que apresentaram crescimento de 123% no trimestre e de 552% em relação ao primeiro trimestre de 2016, refletindo o reaquecimento das operações de mercado de capitais de dívida local e o aumento de transações de fusões e aquisições, resultado também do investimento feito nos últimos anos e fortalecimento de nossa atividade como banco de investimento.

As receitas de tarifas apresentaram redução no trimestre, devido a efeitos sazonais.

No slide 10, a variação das despesas e do nosso índice de eficiência.

As despesas de pessoal ajustada e outras administrativas apresentaram redução de 1,7% em relação ao trimestre anterior, e aumento de 6,9% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Ressaltamos que no primeiro trimestre do ano passado houve uma redução de 8% na quantidade de colaboradores do banco, que resultou num impacto não recorrente de R\$ 8 milhões de reais, conforme pode ser visto no ajuste da tabela de despesas neste slide.

O Índice de Eficiência atingiu 29,9% no primeiro trimestre de 2017, melhorando 1,4 p.p. em relação ao trimestre anterior e 0,4 p.p. em relação ao mesmo período de 2016.

No slide 11, a rentabilidade.

O Lucro Líquido recorrente atingiu 111 milhões de reais no primeiro trimestre de 2017, apresentando crescimento de 2,4% em relação ao trimestre anterior e de 16,3% em relação ao mesmo período do ano passado.

O Retorno sobre o Patrimônio Líquido recorrente atingiu 15,1% a.a. no primeiro trimestre de 2017, apresentando redução de 0,1 ponto percentual em relação ao trimestre anterior e aumento de 0,1 ponto percentual em relação primeiro trimestre de 2016.

As projeções de crescimento da carteira expandida entre 8% e 12%, e de crescimento das despesas entre 5% e 7%, estão mantidas.

Estes são os dados que gostaríamos de apresentar. Nos colocamos agora à disposição para responder eventuais dúvidas que os participantes desta teleconferência possam ter.

Muito obrigado!

ÍNICIO DA SESSÃO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

Nossa primeira/próxima pergunta vem do Sr. Guilherme Costa, Itaú BBA.

[Guilherme Costa – Itaú BBA]

Bom dia Sérgio, Parabéns pelo resultado. Eu tenho duas perguntas. A primeira é relacionada ao desempenho da margem com clientes. Vocês explicaram, durante a apresentação, que a redução mais elevada da margem com clientes, em relação a carteira de crédito, está relacionada a um nível de recuperação de ativos maior no trimestre passado e uma quantidade menor de dias úteis nesse trimestre. Como vocês tem observado a evolução dos spreads nesse 1º trimestre? Eu imagino que com o crescimento mais elevado da carteira Corporate, o spread médio possa ter elevado um pouco pelo MIX.

A minha segunda pergunta é sobre o *guidance* da carteira de crédito expandida. Apesar da redução da carteira de crédito, o crescimento robusto da carteira de garantias fez com que a carteira expandida crescesse 1% no trimestre, no entanto, na comparação anual, o crescimento ainda está abaixo do *guidance*. Eu gostaria de perguntar o quão confortáveis vocês estão com o *guidance* da carteira expandida e como vocês esperam que o crescimento se dê ao longo do ano? A carteira de crédito deve apresentar um crescimento mais forte do que a de Garantias?

[Sérgio Borejo – Vice Presidente Executivo]

Obrigado pela pergunta, Guilherme. Eu vou começar pela sua primeira pergunta, em relação a margem com os clientes. A sua observação está correta, ela se manteve praticamente a mesma do outro trimestre, se tirarmos os efeitos de recuperação e a questão de dias. No que diz respeito a spreads, estão muito parecidos com o que foi praticado no trimestre passado. Talvez, a gente sinta uma leve pressão ao longo do ano, mas muito marginal. Os spreads que estamos praticando são muito parecidos com o que estávamos praticando no final do ano passado.

Em relação ao *guidance*, nós estamos tão confortáveis quanto demos esse *guidance* no trimestre passado. A gente acha que vai atingir, com todos os desafios que um *guidance* tem, em um ambiente de crédito ainda incerto. No entanto, é muito difícil dizer se o *guidance* vai ser atingido por determinado tipo de produto, se vai ser por Garantias ou Empréstimos. Nós não nos arriscamos a fazer esse tipo de previsão, pois vai depender muito mais da oportunidade que vai surgir e em qual produto essa oportunidade vai surgir, então não fazemos esse tipo de previsão.

[Gustavo Schroden – BofA]

Bom dia pessoal e obrigado pela oportunidade. Eu vou fazer duas perguntas também. A primeira, se vocês pudessem explicar para gente como a recompra da dívida subordinada pode ajudar na margem financeira com clientes ao longo do ano. Eu imagino que vocês estão trocando esse primeiro impacto, que é o não recorrente, pela diferença de prêmio, mas imagino que vocês vão trocar por um *funding* mais barato daqui para frente. Eu queria saber se vocês já tem alguma estimativa para nos passar, que possa nos ajudar a entender o quanto vocês esperam de melhora no custo de captação até o final do ano.

Minha segunda pergunta é relacionada a margem. Na comparação trimestral ficou claro, mas se olharmos a comparação anual, a margem com clientes cresceu 2% e a carteira de empréstimos cresceu 4%, e ainda tem essa mudança de MIX que foi mais para Corporate do que para Large Corporate. Então, claramente, na comparação anual, você teve uma compressão de margem com clientes. Eu queria entender um pouco

melhor o que levou a essa compressão de margem com clientes, já que você mencionou que os spreads estão estáveis. Obrigado!

[Emerson Faria – Superintendente de RI]

Oi Gustavo, aqui é o Emerson. Vou comentar um pouquinho sobre a questão da recompra da dívida. A gente teve um impacto, vamos dizer, negativo no trimestre quando fizemos a recompra, e gostaria de colocar um pouco do racional dessa recompra. É uma dívida que foi feita em 2010, era outras condições de mercado. Naquele momento, poderíamos alavancar bastante em cima dela, uma vez que ela dava o capital de nível 2 cheio naquele momento. Ao longo do tempo, com a implementação de Basileia 3, a dívida começou a entrar naquele cronograma de caimento, onde ela passou a ser cada vez menos considerada com capital de Nível 2, e nesse momento, em que a gente tinha um caixa bem elevado, em mais de R\$8 bilhões de reais, bem acima do necessário para conduzirmos nossos negócios. Então, nós aproveitamos para fazer essa troca: recompramos o máximo que conseguíssemos dessa dívida. Essa dívida era de US\$344 milhões e nós recomparamos US\$201 milhões, onde nós aproveitamos esse caixa e, ao longo do tempo, isso vai ser revertido em menores despesas financeiras que iremos pagar, não só no ano, como você perguntou, mas até Abril de 2020. A economia que vamos ter com isso vai mais que compensar o efeito da recompra que tivemos agora no primeiro trimestre. A gente não tem um número feito e de quanto vai ser o impacto exatamente, pois isso vai sendo accruado ao longo do ano e dos próximos anos, mas basicamente esse é o efeito: esse ano, essa economia já compensa o efeito da recompra e, ao longo do tempo, essa dívida está sendo substituída tanto por dívida subordinada como sênior. A gente tem emitido Letras Financeiras Subordinadas a um custo inferior ao custo que tínhamos com essa dívida, e também temos substituído por outros tipos de dívida, como letras financeiras, assim como LCI/LCA e CDB, que também são mais baratos que o custo que a gente tinha com essa dívida.

[Sérgio Borejo – Vice Presidente Executivo]

Somente complementando a resposta do Emerson, esse custo da dívida que a gente evita até 2020, gira em torno de 2% ao ano. E quanto a sua segunda pergunta, que é a questão da margem anual, e do MIX (Corporate/ Large Corporate), na verdade, a carteira Corporate ela ainda representa 14% do total da carteira, e embora ela tenha subido, ela ainda não subiu o suficiente para conseguirmos ver isso claramente nos resultados. Agora, os spreads estão muito parecidos com os que estavam sendo praticados no ano passado. Não tem nenhuma grande diferença.

[Gustavo Schroden – BofA]

Perfeito, Borejo. Só para voltar um pouco na questão dos 2% que você acabou de mencionar, você acredita que possa ter, por ano, um impacto positivo no seu custo de funding nos seus passivos onerosos de 2% ao ano, é isso?

[Sérgio Borejo – Vice Presidente Executivo]

2% ao ano, sobre o valor recomprado da dívida.

[Gustavo Schroden – BofA]

Certo, obrigado.

[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]

Bom dia, pessoal. Obrigado pela oportunidade de perguntar, voltando a questão do crescimento de carteira, se vocês pudessem dar um update de demanda, como estão enxergando. A gente lembra que no quarto trimestre houve uma melhora na demanda, como é que vocês estão vendo isso agora nesse 1º tri e começo de 2º trimestre. E minha segunda pergunta é sobre provisão, que acabou subindo um pouco nesse trimestre, mas quando a gente olha o nível de cobertura, ele está bastante alto. A provisão foi em relação a algo específico? Tem algum setor que preocupa um pouco mais? Como deveríamos pensar na dinâmica de PDD? É razoável pensar que a PDD deveria começar a melhorar a partir do segundo semestre,

ou vocês acreditam que o ambiente de risco ainda continua alto? Teve alguma mudança do quarto tri para cá, nesse sentido?

[Sérgio Borejo – Vice Presidente Executivo]

Obrigado, Thiago, pela sua pergunta. Primeiro, em relação a demanda, o 1º trimestre tem uma questão sazonal. Janeiro e Fevereiro tendem a ser mais fracos do que os outros meses do ano, e esse ano não foi diferente. Esses meses foram de menor atividade, como nos anos anteriores. Em relação ao ambiente, está muito parecido com o 4º trimestre do ano passado, não existe nenhuma grande diferença, nem em relação a demanda e nem em relação ao ambiente de crédito. A gente não teve nenhum nome ou setor específico para provisão, que é fruto do ambiente econômico que estamos vivendo e a gente não dá guidance de PDD, mas podemos dizer que não conseguimos enxergar no curto/médio prazo uma diminuição desses níveis de provisão, óbvio que estou falando em relação a 2017.

[Thiago Kapulskis – BTG Pactual]

Certo, Borejo. Obrigado pelas respostas.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Muito obrigado pela oportunidade. Eu gostaria de fazer uma pergunta sobre PDD. A gente nota algumas movimentações ali nas letrinhas de “AA-H”, principalmente na “G”, isso é algum caso específico? Devemos continuar vendo isso transitar em PDD ao longo do ano?

Minha segunda pergunta, em relação a *Fees*, foi um resultado muito bom, então se vocês puderem explicar um pouquinho melhor, tanto os fees de mercado de capitais quanto garantias, e garantias, eu vi que caiu um pouquinho o preço, mas continua bem resiliente, então gostaria de saber o que esperar para essa linha ao longo do ano.

[Sérgio Borejo – Vice Presidente Executivo]

Ok, obrigado Yuri pelas suas perguntas. PDD, a questão das mudanças das letras, elas são normais, não tem nada específico, é simplesmente a revisão do nosso departamento de crédito em alguns clientes e consequente *downgrade* em função da situação econômica pela qual o país está passando e seus reflexos nas atividades das empresas. As empresas ainda estão sofrendo para recuperar o seu nível normal de atividade, então não tem nada específico nessa movimentação. Nós tivemos aumento em “G”, mas outras letras, como “D” aumentou pois saíram alguns casos de “E” e foram para “D”, então você teve *downgrades* e *upgrades*.

No que diz respeito aos *fees*, o grande destaque foram os *fees* referentes ao banco de investimentos, tanto no que diz respeito a novas operações no mercado de capitais quanto no produto de fusões e aquisições, além de ser uma área que investimos bastante ao longo dos anos e que agora estamos vendo o reflexo desse investimento. Óbvio que as receitas do mercado de capitais tendem a ser menos voláteis que a de fusões e aquisições, agora, é uma área que você está gerando negócios a todo momento. Outro produto que vale a pena destacar nos *fees* é o Cash Management, que já é outro produto que tem ajudado na composição dessa linha de receita. Esse trimestre não foi diferente, ele é mais estável do que as outras receitas e também tem ajudado a compor essa linha e, a questão das garantias, que é um produto importante para o banco, e, como eu disse em respostas anteriores, não temos um *guidance* específico para o crescimento da carteira de garantias, mas elas com certeza continuarão sendo um produto importante ao longo do ano e com certeza gerando *fees* nesses níveis que estamos gerando nos últimos trimestres, eu espero.

[Yuri Fernandes – JP Morgan]

Maravilha, Borejo. Obrigado.

[Carlos Daltozo - BB]

Bom dia a todos e obrigado por aceitarem a minha pergunta. Tenho uma pergunta com relação ao capital do banco, como vocês estão vendo Basileia, se vocês estão confortáveis com isso, se ele está ancorado no crescimento esperado de carteira? E minha segunda pergunta, como vocês estão vendo o patamar de rentabilidade do banco, o que podemos esperar pela frente?

[Emerson Faria – Superintendente de RI]

Oi Carlos, aqui é o Emerson. Sobre Basileia, estamos confortáveis com o atual patamar de Basileia, inclusive esse foi um dos fatores de decisão de recompra da dívida, de modo que não onerasse o nosso índice de Basileia, pensando inclusive, em relação ao futuro. A gente vem fazendo a recapitalização semestral dos dividendos, o controlador continua comprometido com isso, os executivos também, e a adesão dos minoritários também tem sido bem alta, o que nos dá o conforto de continuar com esses planos, obviamente que isso é submetido a avaliação do Conselho em todos os semestres, de continuar fazendo essas recapitalizações, mas no atual nível que estamos hoje, de atuais 15,6% de Basileia, vemos como suficiente para continuar crescendo nos próximos anos. Uma conta básica que fazemos é que, enquanto o crescimento fica abaixo do ROAE, a gente só continua recompondo a Basileia e aumentando-a, e a partir do momento em que o crescimento da carteira for maior que o ROAE, aí sim passamos a consumir mais capital. Mas, olhando para os próximos 2 anos, nós vemos um nível bem confortável de Basileia.

Em relação a rentabilidade, a gente vem apresentando, nos últimos anos, ROAE por volta dos 15% ao ano, e olhando para o futuro, o que a gente vê é o seguinte, na margem a gente vê uma certa compressão, principalmente pela queda da SELIC, já que um dos componentes da margem é o patrimônio líquido remunerado ao CDI, então essa linha deve contribuir um pouco menos e, por outro lado, nesse trimestre já apresentamos uma rentabilidade maior em serviços, principalmente vindo pela linha de mercado de capitais e *M&A*, então não damos *guidance* de rentabilidade e nem de PDD, por exemplo, a PDD estamos muito sujeitos a volatilidades, mas olhando para o futuro, conforme a gente já espera que comece a ficar mais difícil a rentabilidade nas margens, a gente espera recompor isso com serviços, principalmente serviços que não requerem alocação de capital.

[Carlos Daltozo - BB]

Ok, obrigado.

[FIM]